

Platão e Cristo em Camões*

ALCIR PIMENTA

Os lusos fincam o pé na América. Com eles, as tradições, os hábitos, os costumes. Ao invés de dilatação das fronteiras, o prolongamento da cultura euro-ocidental.

Tantos anos decorridos! E nada prevaleceu contra portugueses e brasileiros: nem a separação política, nem o tempo, nem o espaço. Cada vez mais ardente o desejo de caminhar juntos. Cada vez mais nua a comunhão de sentimentos. Cada vez mais límpidas as fórmulas de cooperação.

Entre as muitas afinidades, a “última flor do Lácio”, com o “tom e o silvo da procela” e o “arrollo da saudade e da ternura.” Os dois Camões, o lírico e o épico. Exaltar e reverenciá-lo, uma forma sublime de engrandecer e realçar a Comunidade Luso-Brasileira. Daí a evidência plena de Camões, na homenagem a Portugal, que ele encarna na perenidade da sua obra, em cujos meandros caminha, extasiado, o viajor da História.

Suposições, hipóteses, conjeturas, eis o que existe sobre a vida de Camões. Exceto umas poucas datas, tudo são imaginações e fantasias. Bordam-na o pitoresco, o anedótico, o picante. Aqui e alhures imensas lacunas que nem os vãos da criatividade preenchem. Só a lenda transmuta-a em candente realidade. Assim o requer a sua grandeza. Assim o desejam quantos o reverenciam. Assim o exige a História portuguesa. Se o fato não satisfaz, crie-se o mito.

O mistério principia pelo nascimento. Lisboa? Coimbra? Santarém? E que tipo de infância? Que adolescência? Humilhante e pobreza da família e notável a erudição do Poeta. Convívio social e intelectual do Paço? Mas as

(*) Pronunciamento feito pelo Deputado Alcir Pimenta (RJ), na Câmara dos Deputados, por ocasião da “Semana do Dia Nacional de Portugal” (Brasília, 8/06/1979).

suas rézes palacianas são apenas possíveis. Financia o suposto tio Bento os seus estudos? E onde conhece a cultura greco-latina? Os amores proibidos completam-lhe o enigma. Há três Catarina de Ataíde. Qual a preferida? Qual a amada?

O Portugal dos séculos XV e XVI é todo Renascimento. Clima e ambiente de radical mutação histórica. A cultura greco-latina amplia-lhe os horizontes. Súbito, inquietação e turbulência. Descobertas geográficas, invenções, liberdade de pensamento, preocupação filosófica. Abalam-se crenças, ajustam-se costumes, alteram-se estilos. Novo mundo abre-se e nele se mescla ou se dispersa a Idade Média, que não é a noite dos tempos.

O convulsão redonda em contradições e dualidades. De um lado, sobras de pensamento e restos de conduta. De outro, o alento de novas crenças, de renovadas cosmovisões. O Poeta desponta nessa época, e nela vive toda a sua existência. Inquietude, inconformação, renovação custam-lhe alto preço. Todo ele, um rosário de sofrimento. Fala de “apagada e vil tristeza”, que uma luta conta os mouros acentua. A amargura agrava-se com a perda de um olho. O Poeta retorna a Lisboa no aconchego do desalento e da dor. Para sobreviver, escreve cartas, compõe autos e poemas.

A adversidade permanece no seu encaço. O Poeta envolve-se em lutas e cumpre pena no Tronco. Solto, engaja-se no serviço militar do ultramar. Vai ter à Índia, que chama “mãe de vilões e madrastra de homens honrados”. Mais tarde, julga-se ali venerado como os touros de Merceana e quieto como uma cela franciscana. Logo, participa numa armada e, com ela, vai em auxílio dos reis de Porcá e Cochim, contra o de Chembé. No estreito de Meca, o combate aos muçulmanos o tem pela frente. “Junto de um seco, fero e estéril monte” nasce aí. Julgam-na uma das mais belas canções da Língua Portuguesa.

Corre 1556. O Poeta conclui as obrigações de soldado. Nomeiam-no Provedor-Mor dos Bens de Defuntos e Ausentes, função em que vai a Macau. Aí, segundo a lenda, escreve parte de “Os Lusíadas”. O local, uma gruta, que hoje tem o seu nome. A adversidade permanece-lhe companheira: acusam-no de prevaricação com o dinheiro sob sua guarda. Vem a Goa em busca de defesa. O barco afunda no rio Macau. O Poeta salva-se, mas perde “a moça china que traz” — Dinamene. Salvam-se, porém, “Os Lusíadas”, que tinha prontos ou em fase de conclusão. Em Goa, encarceram-no. Protege-o D. Francisco Coutinho.

O ano é de 1563. Vem ao mundo a primeira composição, que, hoje, Massaud Moisés considera “sol de pouca dura”. Quatro anos depois, Camões junta-se ao Governador de Sofala. A caminho, em Moçambique, prendem-no por motivo de dívidas. O amigo Diogo do Couto encontra-o “tão pobre que comia de amigos”. Paradoxalmente, cuida-se da fase mais intensa da produção poética.

Livre, Camões embarca para Santa Fé. Fim de 1559. No ano seguinte, abril, chega a Lisboa, que se envolve de terrível epidemia. A única bagagem, um fiel protegido. Conclui “Os Lusíadas”, o Governo edita em 1572. Pela obra e pelos feitos “nas partes da Índia”, ganha uma terça de quinze mil réis anuais.

A luz apaga-se-lhe a 10 de junho de 1580. Antes, confessa sua grande afeição à Pátria e o contentamento de morrer nela e com ela.

Constitui-se o símbolo perfeito da Nação. A sua poesia, lírica e épica, é o retrato acabado de Portugal. O transitório e o perene embrenham-se em suas redondilhas, com o brilho e o encanto do lirismo medieval, enquanto a coragem, a bravura, a altivez formam a moldura de “Os Lusíadas”.

O que espanta em Camões? A rigor, ninguém o afirma mais lírico ou mais épico. Com a alma, fixa a extraordinária beleza dos quadros populares. Com a precisão das habilidades, plasma movimentos e perigos vividos na vastidão oceânica. Em uns e outros, projeta-se o Poeta, com transbordamentos de sentimento e orgulho. No mundo lírico, mora ao lado de Petrarca e dos poetas do Cancioneiro de Garcia de Resende. No épico, é vizinho de Virgílio.

Há dois Camões líricos. Um, a expressão do sentimento das coisas, com o pitoresco, o anedótico, o paisagístico. O outro, a manifestação do abstrato. Pensamento e sentimento simultâneos. Como no entendimento de Fernando Pessoa: “O que em mim sente ’stá pensando”. Para ele, a tragédia do homem repousa na nostalgia do Ser, na saudade do “assento etéreo”. É o plano das essências de Platão. Como diz:

*É saudade (. . .) do Céu,
Daquela Santa Cidade
De onde esta alma descendeu.*

Tal qual Platão, Camões admite que as almas vivem no mundo das idéias. O exílio do plano terreno torna-as saudosas da bem-aventurança perdida. Por isso:

*É soma daquela idéia
Que em Deus está mais perfeita.*

A semelhança funde em Camões o Cristianismo e o Platonismo.

Não há oposição entre os dois Camões líricos. Nele não habitam heterônimos. Apenas um se volta ao concreto, ao cotidiano, à paisagem enquanto o outro, no mesmo mundo lírico, se debruça sobre o abstrato, o metafísico, onde vive de angústias e indagações. Mas não transpõe as fronteiras da Razão. Sempre racionalista a visão que tem da natureza, do amor, da mulher. Disciplina, ordem, harmonia, nada a impede de extravasar os módulos formais contemporâneos. Assim, transcende o Renascimento e anuncia o Barroco, penetra no Século XIX e contribui para a revolução romântica, que apenas desencadeia os fluxos do sentimento, da emoção, da imaginação.

Petrarca traz-lhe o transcendentalismo; Platão expõe-lhe reminiscência. Aristóteles põe-lhe a Deusa Razão no altar. O sentimental, o imaginativo, o emocional vivem nele, mas contidos pela Deusa Razão. A sua mulher é nobre, solene, altissonante. Apolínea, serena, imperturbável, eterizada, a adjetivação que ela lhe merece. Uma síntese de todas as mulheres. Nenhuma singularmente.

Platão ensina que a existência empobrece a essência que atualiza. Do possível à realidade, uma queda. A esperança é mais rica. Riquíssimo o prazer no plano do possível. Opção implica renúncia.

O filósofo distingue o sensível do inteligível. O vulgo conhece aquele e ignora este. Violetas, lagos, cavalos povoam o mundo sensível. Já o mundo inteligível, povoam-no a Violeta, o Lago, o Cavallo. Isto é, o próprio ser em sua pureza.

Foulquié exemplifica magnificamente:

A Beleza do mundo inteligível reúne todos os tipos de beleza: o frescor da primavera e a serenidade das noites de outono, a graça do movimento e a majestade das montanhas petrificadas na sua eterna imobilidade, o encanto das louras e o das morenas. Ao contrário, os seres dela participantes acham-se, necessariamente, reduzidos a uma das formas dessas belezas. A passagem do mundo das essências ao mundo das existências sensíveis representa uma verdadeira queda, uma prescrição.

O Camões lírico imbuí-se desse platonismo. “Alma Minha” condensa-o. Domina-lhe o tema a nostalgia e a expectativa de reencontro com o Ser. Inconformação pela perda do objeto amado e resignação pela certeza de revê-lo. Tristeza pela ausência de amor e alegria ante a convicção de que a amada experimenta da quietude divina. Ele na terra, ela no céu. Entre os dois, fio de esperança. A única dúvida é se memória há na outra vida. Mas isso pouco importa, desde que Deus também o leve, e tão cedo.

Platão e Cristo no cerne do Poeta:

*Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida, descontente,
Repousa lá no céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.*

*Se lá no assento etéreo, onde subsiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.*

*E se vires que pode merecer-te
Alguma coisa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,*

*Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te
Quão cedo de meus olhos te levou.*

Mas a vida de sofrimento e aventura é igualmente sequiosa de totalidade. O mundo lírico, de tão imenso, a aprisiona. Transbordamento, libertação. Os olhos do Poeta cravam-se nos que dilatam a Fé e o Império, enquanto do recôndito da alma lhe afloram os lances sublimes da aventura. E o mar, grandioso, potente, torna-se o cenário natural e autêntico do poema e é fator decisivo na escolha de seu tema. Apenas sugerência a viagem à Índia.



Retrato de Luís de Camões (Goa, 1581)

O 1497 desfila na memória do Poeta. O ano vai em meio. As naus deixam a “ocidental praia lusitana”. Singram “por mares nunca dantes navegados.” O intento, a dilatação da Fé e do Império. Descem o Tejo, ultrapassam as Canárias, costeiam a África, evitam as calmarias. Tempestades, perigos, receios, a tudo vencem. Ali o cabo da Boa Esperança; acolá o das Tormentas. Do outro lado, Moçambique, São Jorge, Mombaça, Melinde, Calecute.

Cinco meses entre o mar e o sofrimento. O triunfo, afinal. Portugal conquista o caminho das Índias. Vão ainda além da Taprobana. Retornam a Lisboa. A São Gabriel, de Vasco da Gama; a Berrio, de Nicolau Coelho, e uns cinquenta homens dos quase duzentos da Armada. De Paulo da Gama, irmão de Vasco, e de sua nau, São Rafael, a lembrança e a saudade.

Recepção triunfal!

Dezoito anos são passados. Garcia de Resende deita o queixume: “A natural condição dos portugueses é nunca escreverem coisa que façam. . .” Nem um decênio se passa, e surge o cantor da epopéia. Os ínvios caminhos da Índia transfiguram-se no rastro infinito da coragem lusitana. A arte associa-se à aventura, com os tons e os milagres da perenidade.

Um poema do Mar “Os Lusíadas”?

Um poema do povo português? Nem uma coisa nem outra. Simultaneamente as duas. A glória dos lusos anima-o; os riscos do mar conferem-lhe grandeza.

Os fundadores do novo reino da Índia, os heróis e os que dilataram a Fé e o Império, o centro de “Os Lusíadas”:

*As armas e os barões assinalados
que:
.
passaram ainda além da Taprobana,
.
e também as memórias gloriosas
daqueles reis que foram dilatando
a fé e o império.
e aqueles que por obras valorosas
se vão da lei da morte libertando:
cantando espalharei por toda a parte
se a tanto me ajudar o engenho e arte.*

Outro não é o tema do poema que não:

*. o peito ilustre lusitano
a quem Netuno e Marte obedeceram.*

Camões narra não propriamente a História de Portugal, mas a História como cruzada. Os seus portugueses são os de Zurara, os de Gil Vicente, os de João de Barros. Soldados da Cruz como fontes perenes da nacionalidade. Soldados da Cruz contra o “mouro frio”, o “falso mouro”, o “malvado mouro”, o “torpe mauritano”, obstáculo à propagação da Fé.

Portugal-cruzada, Portugal guerreiro, Portugal-marinheiro, uma síntese da vida de Camões, uma síntese de sua obra épica. Nela, tudo é autenticidade: os fatos históricos, as aventuras do Poeta. Grandioso o tema. Grandioso o cenário. Grandiosidade histórica e panorâmica. Uma e outra se impregnam nos sentimentos do Poeta e exigem-lhe grandiloqüência de linguagem. O soberbo e o terrível provocam a enormidade potente do poema. Tudo é grandeza: natureza, orgulho humanista, censura a males sociais, os lances dramáticos:

*No mar, tanto tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida;
Na terra, tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?*

Na *Ilíada*, canta-se a cólera de Aquiles; na *Odisséia*, as peripécias de Ulisses; Na *Eneida*, a figura de Enéias; N'Os *Lusíadas*, as armas e os barões. Triunfa o universalismo renascentista.

O sofrimento, a ação, a vida, o humanismo, enfim, não pertencem ao Poeta, nem aos seus personagens. São os da Nação lusa.

Avulta a audácia patriótica:

*Cesse tudo o que a antiga musa canta,
que outro valor mais alto se alevanta.*